

## **CORPO, IDENTIDADE E DIFERENÇA: O USO DO CINEMA NO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

### **BODY, IDENTITY AND DIFFERENCE: THE USE OF THE CINEMA IN THE TEACHING OF PHYSICAL EDUCATION**

**Jeimis Nogueira de Castro<sup>1</sup>, Eliane Portes Vargas<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>CEFET/RJ e Fundação Oswaldo Cruz /Instituto Oswaldo Cruz /PGEBS, jeimis.castro@cefet-rj.br

<sup>2</sup>Fundação Oswaldo Cruz /Instituto Oswaldo Cruz/LEAS, epvargas@ioc.fiocruz.br

#### **RESUMO**

Este trabalho partiu da nossa vivência no contexto escolar e da literatura sobre os temas abordados: corpo, identidade e diferença. Elegemos o ensino de Educação Física como foco pelo fato de em muitos casos ser mais visível a busca de uma identidade fixa dos estudantes por meio do controle dos corpos. Assim sendo, o objetivo deste trabalho foi discutir de que maneira as aulas de Educação Física na escola podem colaborar no processo de construção das identidades numa perspectiva intercultural. Para isso, adotamos o uso do cinema a fim de promovermos formas de resistência e rompimento de hierarquias e relações opressivas de poder para se chegar a uma sociedade mais democrática, plural e humana.

**Palavras-chave:** corpo, identidade, diferença; ensino.

#### **ABSTRACT**

This work was based on our experience in the school context and the literature on the topics covered: body, identity and difference. We choose the teaching of Physical Education as a focus because in many cases the search for a fixed identity of the students through the control of the bodies is more visible. Therefore, the objective of this work was to discuss how the Physical Education classes in the school can collaborate in the process of constructing identities in an intercultural perspective. To this end, we adopt the use of cinema in order to promote forms of resistance and disruption of hierarchies and oppressive relations of power to reach a more democratic, plural and human society.

**Keywords:** body, identity, difference; teaching.

#### **INTRODUÇÃO**

O interesse desta pesquisa<sup>1</sup> surgiu da nossa experiência como docente na educação básica no ensino de Educação Física. Ao observarmos discentes se movimentando corporalmente nas aulas, percebemos que seus corpos carregam as marcas de papéis sociais impostas pela sociedade e recebem estímulos a se ajustarem

---

<sup>1</sup>Pesquisa em desenvolvimento intitulada: "O ensino da Educação Física na construção dos corpos: um estudo sobre gênero na escola em cenas do cinema", como parte do doutoramento vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (IOC/Fiocruz).

aos “padrões” de comportamentos que a sociedade elege como “normais”, que acabam sendo reproduzidos e reforçados pelas interações entre os frequentadores da escola.

Pela nossa inserção no contexto escolar e com base na literatura sobre o tema (BOURDIEU, 2010; LOURO, 2010 e 2016; RODRIGUES, 2006; VARGAS, 2016), entendemos que essas reproduções são construídas e lapidadas pelos gestos, falas, orientações, olhares, jogos, brincadeiras, ocupações de espaços e ações pedagógicas na escola. Muitas vezes, identificamos pessoas que ao relativizarem expectativas sociais de uma identidade considerada “padrão”, acabam sendo consideradas “anormais”, “desviantes” e conduzidas à integração ao grupo, visando à eliminação das diferenças que contrariam este modelo normativo de condutas. Dessa forma, o indivíduo marcado como diferente é pressionado a se adaptar às regras e às convenções, pois somente deste modo, passa a receber o mesmo tratamento que os demais socialmente aceitos.

No que tange ao ensino e à questão da diferença, ainda hoje, muitos docentes tendem a “ficar em silêncio” quanto a esta discussão. Falar do tema pode significar acordar preconceitos adormecidos, e isso pode contribuir na reprodução das desigualdades sociais; sendo os diferentes, continuamente ignorados, excluídos e discriminados do mesmo modo que seus problemas e demandas. Por outro lado, a atitude silenciosa dos docentes pode também revelar uma dificuldade em conduzir adequadamente o tema, visto que o reconhecimento das diferenças e das identidades revelam os valores sociais envolvidos que nem sempre são considerados na formação docente. Estudos como os Altman (2007 e 2015) apontam para estes aspectos.

Deste modo, procuramos problematizar o uso do cinema no ensino, tendo como objetivo, discutir de que maneira as aulas de Educação Física na escola podem colaborar no processo de construção das identidades numa perspectiva intercultural a fim de estimular discussões sobre corpo, identidade e diferença em práticas pedagógicas.

Para tal, Castro e Vargas (2017) buscaram identificar pesquisas relacionadas às temáticas sobre corpo e identidade na Educação Física por meio de levantamento bibliográfico realizado na plataforma SciELO (Scientific Electronic Library Online) visando identificar as produções que abordam as questões de corpo e gênero relacionadas ao ensino. Tendo o termo “Educação Física” como palavra-chave foram encontrados 336 artigos em periódicos de diferentes campos, tais como medicina, nutrição, pediatria, psiquiatria, pedagogia e humanidades, e 243 artigos em periódicos da Educação Física. A análise indicou que as abordagens relacionadas ao ensino escolar

que têm como foco a temática corpo estiveram presentes em 03 artigos, e o gênero, em 10 artigos. Esses números restritos de publicações sobre estas temáticas nos aponta a necessidade de realização de discussões mais aprofundadas desses temas.

Em outro estudo sobre essas temáticas, Deivide et al. (2011), a partir de um mapeamento de aspectos relativos ao quadro teórico dos estudos de gênero na Educação Física no Brasil identificaram as seguintes questões mais recorrentes: distribuição dos discentes por sexo em aulas mistas e coeducativas; fatores que contribuem para a exclusão nas aulas de Educação Física; resgate da memória de personagens ícones no desporto feminino esquecidas na história; desequilíbrio no espaço destinado à cobertura da participação das atletas nos eventos esportivos; número escasso de mulheres no comando e gerenciamento de equipes e instituições esportivas; e o desporto como uma área de reserva masculina. Essa pesquisa aponta alguns caminhos que ainda precisam ser ampliados e discutidos. Um deles é sobre como o ensino da Educação Física e dos esportes participam na construção das identidades, foco deste texto.

### **O ensino de Educação Física e a produção da identidade e da diferença**

Segundo Louro (2010), muitas disciplinas do currículo escolar atuam na construção das identidades dos estudantes com discursos de forma implícita. No entanto, a Educação Física acaba atuando, na maioria das vezes, de forma mais explícita e evidente durante as aulas. Isso porque o corpo, além de ser o objeto privilegiado de intervenção desta área, traz na sua origem influências de diversas áreas do saber, tais como medicina e biologia, bem como características militar e esportiva. Este conjunto de saberes e características tiveram na origem dessa disciplina como principais preocupações de atuação na escola a manutenção da saúde e higiene e a disciplina dos corpos a fim de formar cidadãos-soldados por meio do adestramento de seu comportamento de modo a torná-lo capaz de uma obediência cega; assim como a formação de futuros atletas para a conquista de medalhas para o país. Essas características criaram as condições de possibilidade para a construção de uma identidade fixa e estável a fim de que os indivíduos se encaixassem em um padrão social de comportamento. Assim, as diferenças acabaram por serem apagadas, tornando-se até mesmo perigosa, pois perturbam os pensamentos e ações fortemente construídos e, portanto, aceitos socialmente como verdades irrefutáveis, de ordem e de norma.

Silva (2014) diz que essa ideia de fixar uma identidade como sendo a norma é uma forma privilegiada de hierarquização das identidades e diferenças, pois esse

processo de normalização que elege arbitrariamente uma identidade específica como o modelo a ser seguido, serve para avaliar e hierarquizar as outras identidades, atrelando à identidade e à diferença questões de poder que podem ocorrer de forma sutil.

A diferença no que tange à constituição das identidades é muito falada em debates que envolvem o ensino. De acordo com Nunes (2016), ela está presente na escola, aceita-se a sua presença, mas sua expressão é frágil, pois a qualquer sinal de perigo da estabilidade da identidade são mobilizados mecanismos para conter a sua força desestabilizadora. Isso ocorre porque

[...] a história da escola moderna pode ser caracterizada: pelo ajustamento de seus sujeitos às normas estabelecidas pela razão; pela transmissão de conhecimentos descobertos ou validados por meio de um método universal (científico); pela criação de singularidades que, primeiro, distingue os indivíduos; segundo, classifica os normais e os anormais, e, depois, seleciona e hierarquiza os sujeitos. A distinção dos aptos e dos inaptos era permeada com a expulsão de tudo que escapasse aos padrões e ameaçasse a ordem. Dada a condição na qual se entende que cada sujeito tem uma essência própria (Ser em si) e o Outro é a negação de si, no pensamento moderno, a diferença só pode ser vista como um desvio da norma (NUNES, 2016, p.20).

Para Silva (2014), identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência, sendo inseparáveis. As afirmações sobre diferença, para serem melhor compreendidas, trazem sempre junto as afirmações sobre identidade. Tomamos como exemplo a afirmação de sermos professores de Educação Física. Quando afirmamos esta identidade, estamos dizendo ao mesmo tempo que não somos professores de Matemática, História, Português.... Essas afirmações dependem de uma cadeia, na maioria das vezes oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Por isso, partimos do princípio de que a diferença relativa à identidade não pode ser naturalizada, cristalizada e nem essencializada, mas precisa ser vista como dados e fatos da vida em sociedade diante dos quais não convém silenciar sob pena de excluir indivíduos da vida em sociedade ao considerá-los desviantes (BECKER, 2008).

Silva (2014) nos alerta que identidade e diferença estão sujeitas a vetores de força por serem impostas e disputadas em relações conflituosas e hierárquicas, sendo o resultado de um processo de produção simbólico e discursivo. Dessa forma, afirmar uma identidade significa demarcar fronteiras, fazer distinções entre aquele que fica dentro e o outro que fica de fora. Assim, a identidade acaba ficando ligada a uma separação entre “nós” e “eles”, uma vez que

Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes “nós” e “eles”

não são aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posição-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder (SILVA, 2014, p.82).

Essa divisão social entre “nós” e “eles” significa classificar e hierarquizar por meio de estruturas binárias, como normal/anormal, homem/mulher, bonito/feio, homossexual/heterossexual, entre outras. Essas classificações, para Silva (2014), são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade e, quem tem o privilégio de classificar, também tem o privilégio de determinar diferentes valores aos grupos que foram classificados. Por isso, é necessário questionar as relações de poder, problematizando esses binarismos produzidos na construção da identidade e diferença.

Para realizarmos essas problematizações no ensino de Educação Física, podemos recorrer os trabalhos da Candau (2011, 2013 e 2014), pautando-se na perspectiva da educação intercultural que almeja promover um ensino para o reconhecimento do “outro”, estimulando o constante diálogo com os diferentes grupos sociais e culturais. Atuando para a negociação cultural, que não procura apagar e esconder as diferenças, mas reconhecer e enfrentar os conflitos que surgem pelas assimetrias das relações de poder entre os diferentes grupos sociais e culturais, sendo capaz de construir propostas comuns em que as diferenças sejam incluídas e dialeticamente discutidas.

A autora indica alguns desafios que são necessários a serem enfrentados em uma proposta de ensino intercultural. O primeiro busca a desconstrução, mergulhando nos preconceitos e discriminações que estão presentes de forma sutil nas relações sociais. O segundo, questiona o caráter monocultural e o etnocentrismo presentes na escola, nas políticas e currículos escolares, para desestabilizar a “neutralidade” dos conhecimentos, valores e práticas no ensino escolar. O terceiro desafio é trabalhar com um conceito dinâmico e histórico de cultura, visando possibilitar práticas integradoras das raízes históricas com as novas configurações, fugindo de percepções culturais fechadas e da cultura “pura”, “autêntica” e “genuína”, com essência pré-estabelecida. O último desafio diz respeito à promoção de experiências de interações sistemáticas com os “outros”, para repensar nossa visão de mundo, experimentando uma intensa interação com diferentes modos de se viver e se expressar.

Levando esses desafios para o ensino de Educação Física, elegemos o cinema para abordar a ética da compreensão humana (MORIN, 2009) e a relação das imagens fílmicas que se estabelecem entre realidade e representações (AUMONT, 1993).

### **Cinema e ensino de Educação Física: uma relação possível**

Como já discutimos, a Educação Física por muito tempo atuou com uma identidade fixa dos estudantes, padronizando os comportamentos, adestrando os corpos e estimulando processos de uniformização e homogeneização, invisibilizando, negando e silenciando as diferenças. Dessa maneira, elegemos o cinema a fim de propiciarmos um ensino intercultural para a construção de identidades plurais, abertas e dinâmicas, e sobretudo, mais complexas do que as construções binárias que orientam nossos esquemas de percepção, valorizando as histórias de vida dos estudantes e favorecendo a troca, o intercâmbio e o reconhecimento mútuo na escola. Essa proposta busca questionar quem incluímos como “nós” e quem elegemos como os “outros”, da mesma forma, indagar como e por que caracterizamos esses dois grupos de forma distinta.

Podemos dizer que existe uma relação necessária, entre o uso do cinema e o ensino de Educação Física pelo fato do cinema nos proporcionar viagens pela história e pelos continentes, fazendo com que o grupo que se intitula como “nós” possa se colocar no lugar do grupo considerado como “outros”. Os filmes nos levam para dentro de guerras e conjunturas de paz. Mostra-nos as características da condição humana, mergulhando na “singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço” (MORIN, 2009, p. 44). Ensina-nos as maiores lições que um ser humano pode vivenciar, “a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão” (MORIN, 2009, p. 51). Por meio dessas lições, os filmes podem despertar o combate ao ódio e à exclusão tão presentes na construção das identidades, principalmente, associada às diferenças que se expressam a todo momento na escola.

Partindo dessa relação, buscamos possibilitar uma proposta intercultural, que pode ser usada tanto no ensino de Educação Física como no de Ciências, usando dois filmes: *Billy Elliot* e *Tomboy*. Tendo como base os trabalhos de Castro e Vargas (2016) e Castro, Vargas e Ferreira (2017), buscamos promover discussões sobre corpo, identidade e diferença na escola utilizando uma pedagogia das imagens (FISHER, 2014), usando o cinema no ensino de modo a estimular estudantes e docentes a desacomodarem e desviarem os seus olhares daquilo que já é esperado, como um clichê ou uma fórmula já conhecida. Dessa forma, os espectadores após assistirem aos dois filmes, por meio de reflexões e debates, poderão ter suas visões reconvertidas na medida em que forem conduzidos para fora da própria imagem cinematográfica e de si próprios.

Os espectadores podem relatar brevemente o que mais chamou a sua atenção no filme, as cenas que surpreenderam e causaram estranhamentos. Assim, já é possível

promover o reconhecimento do “outro” e o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, favorecendo uma visão dinâmica, contextualizada e plural das identidades.

Em relação às discussões sobre corpo, os dois filmes propiciam reflexões importante sobre corporeidade, como no *Tomboy*, no jogo de futebol, em que Michael e Lisa observam os garotos jogando (cena 20’37”), e em outro momento, quando Michael treina no espelho os movimentos observados durante o jogo (cena 22’53”), olha suas estruturas corporais e repete alguns movimentos observados; em seguida, coloca em prática (cena 24’54”), como tirar a camisa e cuspir no chão. Já no filme *Billy Elliot*, tem o momento em que Billy observa o pai e o irmão discutindo (cena 44’24”), presenciando atos violentos de seu pai e irmão, assim, incorpora esses atos, passando a agir da mesma forma, como na hora em que Billy discute com a sua professora de balé (cena 46’07”), reproduzindo atos agressivos com a sua professora. Billy age da mesma forma na hora em que interage com um garoto que tenta consolá-lo após o seu teste (cena 1º26’09”), e Billy, por estar muito nervoso, de forma automática, dá-lhe um soco.

Sobre o corpo, seus significados na sociedade contemporânea e a relação destes significados com os saberes disciplinares, por meio das cenas descritas, é possível encaminhar inúmeras discussões de caráter pedagógico, levando aos espectadores os seguintes questionamentos: como o filme retrata o corpo? Como esse corpo aprende a ser assim? O que a observação dos corpos das pessoas nos mostra? Como os personagens incorporam novas formas de se expressar? Como isso ocorre? Como os personagens colocam em prática esse aprendizado do corpo no filme? Qual a relação das imagens produzidas com a realidade cotidiana experimentada na vivência escolar?

No que tange à questão da identidade e diferença, no filme *Tomboy* pode ser explorado o encontro de Laure com Lisa em que ela pergunta a Laure qual é o seu nome, e Laure se apresenta como Michael (cena 08’44”). Já no filme *Billy Elliot*, é possível explorar a conversa de Billy com Debbie sobre o balé (cena 14’56”). Billy mesmo gostando de participar da aula, rejeita-a dizendo ser para “bichas”. Pode-se estimular uma conversa com as seguintes questões: em quais cenas vocês identificam questões sobre identidade? Por quê? Como as identidades foram construídas no filme? Quem está envolvido nesta construção? E na sociedade, como se dá essa construção? Que personagens chamam a sua atenção? Por quê? Como as identidades se manifestam nos diferentes contextos? Em que cenas podemos encontrar essas questões?

Os filmes *Billy Elliot* e *Tomboy* podem levar a muitas abordagens sobre o tema. Estes exemplos de encaminhamentos são apenas uma possibilidade que, nesse texto, está direcionado para o ensino de Educação Física, e também, para uma das vertentes de análise nesta área em que se observa uma predominância da perceptiva biomédica em suas abordagens, mas compreendemos que são questões que também podem ser abordadas no ensino de Ciências, especialmente naquele que se ocupa das biociências e da saúde ou em qualquer prática ou pesquisa em ensino interessada em estimular uma prática intercultural visando à formação cidadã.

Vale ressaltar a convocação dos docentes e a problemática do ensino de Biologia nas escolas que inclui o tratamento destas temáticas como tema transversal que envolve as questões de saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DE CICCIO; VARGAS, 2012). Buscamos, portanto, contribuir para este debate problematizando no ensino de Educação Física as diferenças e as desigualdades construídas ao longo da história entre os diferentes grupos socioculturais visando compreender como as culturas operam um constante processo de construção, desestabilização e reconstrução das identidades sociais que necessitamos (re)conhecer. Este processo permeia o conjunto de ações de natureza educativa e de ensino, na maneira como nós o concebemos (VARGAS, 2016), seja formal ou não-formal, no contexto da escola.

### **Considerações Finais**

Partindo da nossa inserção no contexto escolar e da literatura sobre o tema, procuramos problematizar neste trabalho o uso do cinema no ensino tendo como objetivo discutir de que forma as aulas de Educação Física na escola podem colaborar no processo de construção das identidades numa perspectiva intercultural. Partimos do uso do cinema para estimular discussões sobre corpo, identidade e diferença em práticas pedagógicas no ensino de Educação Física

Nessa perspectiva intercultural, o cinema pode ajudar as pessoas a olharem e a conhecerem a sociedade em que vivem, colocando à vista as diversas formas de interações entre si, os outros, as sociedades e o mundo, possibilitando que os caracteres existenciais e subjetivos que nos constituem como sujeitos históricos se tornam sensíveis. Para isso, elegemos os filmes *Billy Elliot* e *Tomboy* a fim de estimularmos reflexões a partir dos personagens principais em momentos de sociabilidade para questões sobre corpo, identidade e diferença.

Almejamos que este texto possa contribuir para a ampliação de propostas interculturais e do uso do cinema no ensino de Educação Física, de Ciências e de outras áreas, buscando aumentar a sensibilização e discussões de temas ligados ao corpo, à identidade e à diferença para a produção de formas de resistência e rompimento de hierarquias e relações opressivas de poder. Tudo isso, visando à construção de uma sociedade mais democrática, plural e humana, promovendo um ensino para o reconhecimento do “outro” e para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais.

### Referências

ALTMANN, H. Pedagogias da sexualidade e do gênero na educação física escolar.

**Motriz**: Revista de Educação Física (Online), v. 13, p. S65, 2007.

\_\_\_\_\_. **Educação Física Escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

AUMONT, J. **A Imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9. ed. Tradução: Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANDAU, V. M. Educação em direitos humanos e diferenças culturais: questões e buscas. In.: CANDAU, V. M. (Org.). **Diferenças Culturais e Educação**. Construindo Caminhos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In.:

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In.: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CASTRO, J. N.; VARGAS, E. P. Uma análise das publicações na área de educação física: dos movimentos corporais às questões de gênero na escola. 8º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar, **ANAIS...** Londrina, Paraná, 2017.

\_\_\_\_\_. Corpos generificados à mesa e na escola em cenas do filme Tomboy: entre desejos e prescrições. In: FERREIRA, F. R. et al. (Org.). **Cinema e comensalidade**. Curitiba: CRV, 2016, p. 169-185.

CASTRO, J. N.; VARGAS, E. P.; FERREIRA, F. R. Comensalidade e identidade social: a construção social da masculinidade no filme Billy Elliot. In: VARGAS, E. P et al. (Org.). **Cinema e Comensalidade 2**. Curitiba: CRV, 2017 (prelo).

De CICCIO, R. R.; VARGAS, E. P. As Doenças Sexualmente Transmissíveis em livros didáticos de biologia: aportes para o ensino de ciências. **Revista Electrónica de Investigación en Educación en Ciencias** (En línea), v. 7, p. 10-21, 2012.

DEVIDE, F. P. et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.

FISCHER, R. M. B. Cinema e juventude: uma discussão sobre ética das imagens. **Educação**. v. 37, n. 1, p. 42-51, jan./abr., 2014.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho** – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**.

Tradução: Eloá Jacobina. 16. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

NUNES, M. L. F. Afinal, o que queremos dizer com a expressão “diferença”? In.:

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Org.). **Educação Física Cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s)**. Curitiba: CRV, 2016.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. 7. ed., ver. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.73-102.

VARGAS, E. P. A favor da diversidade: ensaio sobre saberes nas pesquisas em saúde focalizando o corpo. In: PRADO, S. D. et al. **Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016. P 17-32.

### Referência Fílmica

Billy Elliot. Produção de Tiger Aspect. São Paulo: Columbia Tristar distribuidora, 2000. 1 DVD (105 min.): DVD vídeo, Ntsc, son., color. Legendado. Port.

Tomboy. Produção Bénédicte Couvreur. São Paulo: Pandora Filmes distribuidora, 2011. 1 DVD (82 min.): DVD vídeo, Ntsc, son., color. Legendado. Port.